

# Biblioteca Freudiana de Curitiba

## Centro de Trabalho em Psicanálise

### ... E POR ALGUNS OUTROS

**Angela Dal Vesco Nery**

(Trabalho apresentado em 12 de novembro de 2015 na Jornada de Trabalho da Biblioteca Freudiana de Curitiba.)

O trabalho que segue é a continuação do texto escrito para a Jornada de Trabalhos da BFC em 2014, intitulado “O psicanalista só se autoriza de si mesmo”, ambos resultado da “Clínica dos Aforismos” em funcionamento nesta instituição. A primeira parte do aforismo que serviu de inspiração para meu trabalho, é justamente o título citado acima. Restava me deparar com seu complemento: ...e por alguns outros. Então, vamos lá!

Longe de propor uma leitura unívoca, me dedico neste trabalho a abordar algumas questões que se encontram condensadas nestas quatro palavras que configuram o complemento proposto por Lacan ao aforismo “o psicanalista só se autoriza de si mesmo”, que havia postulado na “Proposição de 9 de outubro de 1967”<sup>1</sup>. Este acréscimo à sua “Proposição” que, segundo ele, é axial, foi feito em 1974 na lição de 9 de abril do Seminário XXI, “Os não patos erram” (ainda inédito). Porém, não o faz de uma maneira isolada, mas estabelecendo uma relação com o ser sexuado, sobre o qual ele afirma: “o ser sexuado não se autoriza mais que por si mesmo. (...) Ele não se autoriza mais que por si mesmo, mas eu acrescentaria e por alguns outros” (LACAN, 1973-74, inédito)<sup>2</sup>. Em seguida coloca a seguinte questão aos analistas da sua Escola:

*No entanto, não teria podido nos ocorrer na escola que isso equilibra meu dizer, de que o analista não se autoriza mais que de si mesmo? Isto não quer dizer que ele esteja sozinho para decidi-lo, como acabo de fazer-lhes observar ao que se refere ao ser sexuado (LACAN, 1974, inédito).*

Então, que autorização é esta que Lacan está falando e qual a função destes outros no que concerne ao ser sexuado? Convido vocês a adentrar por um momento nesta investigação, na tentativa de verificar no que ela pode ser útil para desenvolvermos o que cabe ao analista.

A questão da assunção da sexualidade foi amplamente desenvolvida por Lacan. Dela, vou recuperar alguns pontos, iniciando pela retomada que ele faz da questão do Complexo de Édipo, onde dá um importante destaque ao pai e ao Complexo de Castração neste processo. Em seguida, abordarei a diferenciação entre os sexos considerando a oposição entre os significantes para, enfim, colocar em jogo a lógica, que foi um recurso fundamental utilizado por Lacan. Dentro desta perspectiva, ele desenvolve as fórmulas quânticas da sexuação, por meio das quais poderá formalizar as nuances da sexualidade masculina e diferenciá-la da feminina. É desde este prisma que afirmará que “o ser sexuado não se autoriza mais que de si mesmo e por alguns outros” (LACAN, 1973-74, Inédito)<sup>3</sup> a ocupar um lugar no campo da sexualidade. Por fim, vai desenvolver que a sexualidade é da ordem do real. Um dos motivos para tal declaração é a impossibilidade que temos de capturá-la pela linguagem, ou seja, o simbólico fracassa na tentativa de dizê-la toda, e o sujeito, por sua vez, terá que arrumar sua maneira de se colocar frente a ela.

Como mencionei anteriormente, a retomada que Lacan faz do Complexo de Édipo é fundamental neste caminho. A passagem por este processo vai dar ao sujeito a possibilidade de aceder ao campo da sexualidade, assumindo seu lado viril, no caso do homem e certo tipo feminino, no caso da mulher. É ao final deste momento também, que se darão as identificações que determinarão as escolhas objetais da criança no futuro.

Lacan vai nos dizer que é com a entrada do pai na relação entre a mãe e a criança, que se instalará a estrutura edipiana, pois é justamente ele quem poderá interditar a mãe em seu desejo, instaurando a lei da castração e fundando a possibilidade de um sujeito desejanste. Da posição diante da interdição paterna e da castração, ou seja, o fato de aceitá-la ou recusá-la dependerá o desfecho do seu processo de estruturação. A metáfora paterna, onde o desejo da mãe é substituído pelo Nome do Pai, vai ser uma operação determinante no processo edípico. A partir daí, a criança poderá inserir-se no processo de sexuação. De acordo com

<sup>1</sup> LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003

<sup>2</sup>LACAN. Les non-dupes errent.(1973-1974) Inédito.

<sup>3</sup>LACAN. Les non-dupes errent.(1973-1974) Inédito.

# Biblioteca Freudiana de Curitiba

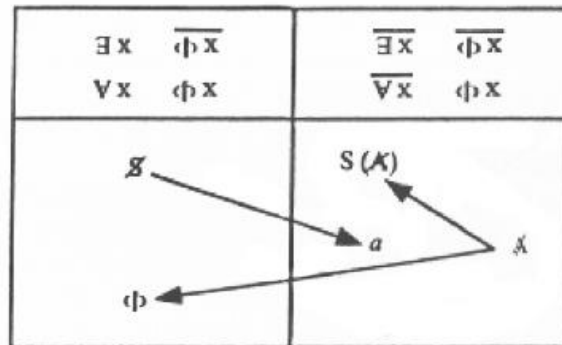
## Centro de Trabalho em Psicanálise

Evandro Fernandes Alves "... ao impor a castração e privar a mãe do falo, ou seja, da completude que é representada pela criança, o pai remete a mãe e a criança a outra instância: ao grande Outro que representa a lei simbólica" (ALVES, 2014, p.77)<sup>4</sup>. Cabe então, a estes pequenos outros representados pelas figuras parentais esta remissão à Outra instância onde se encontram os significantes a partir dos quais poderá encontrar representação para sua sexualidade. Sabemos que não há um significante pleno que dê uma definição do campo do masculino ou do feminino, senão que a sexualidade se sustenta na articulação de significantes que dependerão de outros significantes para que se produza um significado. Neste caso, um dos sexos dependerá do outro para constituir seu significado: "Assim, o menino que se reconhece como tal, terá em oposição aos significantes da masculinidade todos aqueles significantes que representam o feminino, mostrando-lhes aquilo que ele não é" (ALVES, 2014, p.60)<sup>5</sup>. Mas lembremos: o simbólico não é sem o pai. Ele cumpre a importante função de inscrever o significante fálico, ferramenta com a qual o sujeito contará para se colocar frente a sexualidade.

Na última etapa do Complexo de Édipo, finalmente o pai aparecerá como o detentor do falo, objeto desejado pela mãe, e permitirá as identificações fundamentais que contribuirão para que haja a diferenciação entre os sexos. O menino poderá identificar-se com o pai na medida em que ele possui o falo e assumir futuramente, diante de outra mulher, a função de homem. E a menina poderá reconhecer o homem como aquele que o possui. Como sabe que lhe falta, buscará pela via do pai, um filho como substituto. Levando em conta este processo, e a maneira como ele operou na estrutura, o sujeito fará toda uma amarração fantasmática. Desta forma, poderá posicionar-se do lado do homem ou da mulher das fórmulas quânticas da sexuação. Nelas é o falo que irá orientar em qual dos lados o sujeito se colocará, ou seja, dependendo da posição que o sujeito assume diante do falo, se situará do lado homem ou do lado mulher. Estas são as duas

maneiras de enfrentar e fazer algo com o real que o sexo apresenta.

Estas fórmulas estão estabelecidas da seguinte maneira:



Na parte superior esquerda, do lado homem, lemos que existe um  $x$ , um sujeito, que não está submetido à castração. Essa exceção funda a possibilidade do conjunto dos homens. Exceção de suma importância na constituição do sujeito, já que é encarnada pelo pai que vai barrar a mãe em seu desejo. Este seria o pai da horda primitiva, como o desenvolve Freud. Como consequência, temos o que vem logo abaixo, ou seja, para todo homem há a inscrição da função fálica, isto quer dizer que todo homem e o homem como um todo está submetido à castração.

Do lado mulher escreve-se primeiramente que não há figura de exceção fundadora de um conjunto das mulheres, ou seja, nenhuma mulher inscreve-se fora da castração. Neste caso perde-se a possibilidade do abrigo de uma identidade, dada pelo significante falo no lado homem. Serge André irá afirmar que (...) se conclui daí que as mulheres não são senão um conjunto aberto e devem, pois, ser contadas uma a uma". (ANDRÉ, 1998, p.221)<sup>6</sup>. Além disso, cada "uma" só se inscreve parcialmente, não-toda na função fálica, ou seja, a mulher é não-toda referida à castração. É o que lemos na segunda linha da parte superior direita das fórmulas.

Na parte inferior destas mesmas fórmulas, encontramos do lado esquerdo o  $\$$  e o falo enquanto o significante no qual ele se suporta. Este sujeito está se dirigindo ao objeto  $a$  que para ele é causa de desejo, formando, se prestarmos atenção, a fórmula do fantasma. Isto quer dizer que o homem somente se relaciona com a mulher fantasmaticamente. O lado da

<sup>4</sup> ALVES, E. Jacques Lacan e a questão da autorização dos psicanalistas. Curitiba, PR: CRV, 2014.

<sup>5</sup> ALVES, E. Jacques Lacan e a questão da autorização dos psicanalistas. Curitiba, PR: CRV, 2014.

<sup>6</sup> ANDRÉ, S. O que quer uma mulher? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

# Biblioteca Freudiana de Curitiba

## Centro de Trabalho em Psicanálise

mulher é o campo do Outro barrado, onde nos deparamos com sua incompletude. A mulher como não-toda se relaciona, por um lado, com o Outro barrado e, por outro, com o falo.

Todo ser falante, portanto, irá se inscrever de um lado ou de outro das fórmulas quânticas da sexuação, sendo que este posicionamento não encontra sua determinação no sexo biológico e sim na relação que estabelecerá com o falo, com a castração e com as possibilidades de gozo que se darão a partir disso. O campo do grande Outro, como desenvolvido anteriormente, terá um importante papel na medida em que oferece os significantes a partir dos quais o sujeito fará sua construção do que é ser homem ou mulher. Lacan, no Seminário XI, nos deixa claro que "(...) o que se deve fazer, como homem ou como mulher, o ser humano tem sempre que aprender, peça por peça, do Outro" (LACAN, 1998, p.194)<sup>7</sup>. Portanto, é nesse campo que se articula a cadeia de significantes que vai significar o sexo. Mas isso não é tudo!

Chegará um determinado tempo onde o sujeito deverá juntar as peças à sua maneira posicionando-se diante de seu desejo e de sua sexualidade. Sua autorização enquanto ser sexuado dependerá da maneira como se colocará diante da castração e do falo. Mas para isso, nos adverte Lacan, não estará sozinho. Neste caso os elementos das fórmulas da sexuação vão permitir que o sujeito se posicione de um dos lados, tendo o outro sexo para sustentá-lo. Vamos novamente resgatar as palavras de Lacan: "Qual seria o estatuto desses outros na ocasião, salvo que em alguma parte, não disse no lugar do Outro, é em alguma parte que se trata de bem situar, saber onde se escreve minhas fórmulas quânticas da sexuação. (LACAN, 1973-74, inédito)<sup>8</sup>. A partir desta colocação de Lacan, Pura Cancina nos esclarece que estas fórmulas "escrevem um lugar, o lugar de alguns outros". Não se trata aqui do grande Outro, mas dos semelhantes para quem o sujeito poderá endereçar seu desejo e sustentar sua posição enquanto ser sexuado, tentando, ao seu modo, dar conta do real que a sexualidade apresenta.

A partir deste posicionamento os outros também terão um importante papel no que diz respeito ao último tempo dessa constituição: a nomeação. Isto quer dizer que o sujeito vai precisar que o reconheçam e que o nomeiem confirmando a posição que ele resolveu ocupar. A realização do ato sexual não terá aqui uma importância fundamental? No Seminário XIV, Lacan argumenta sobre esta questão e nos fala que:

*De toda forma, indicar que existem dois registros distintos – a saber, se no ato sexual o homem chega ao Homem, em seu estatuto de homem, e a mulher também – o que é uma questão bem outra do que se encontramos ou não o parceiro definitivo. (LACAN, 2008, p. 371)<sup>9</sup>*

Portanto é neste momento em que vai fazer valer a sua escolha. E isso se tornará presente todas as vezes que for convocado pelo campo da sexualidade.

Todo este desenvolvimento tem a função de sublinhar a importância dos "outros" na autorização do ser sexuado. E o psicanalista? O que tem a ver com tudo isso? Afinal para o ser sexuado e para o analista Lacan utiliza a mesma assertiva: O ser sexuado, ou o psicanalista "autoriza-se de si mesmo e por alguns outros". Mas será que em ambos os casos se trata dos mesmos "outros"? É certo que os elementos das fórmulas da sexuação servem para abordar o que concerne ao psicanalista e à sua autorização de uma maneira bastante interessante. Com essas fórmulas Lacan pôde realizar uma série de avanços que se aplicam não somente no âmbito da sexualidade, senão que lhe permitiu evoluir em questões importantes para a formação dos psicanalistas. Vou retomá-las desde este prisma e neste aspecto, o lado mulher é o que tem mais destaque, já que é nele que estão localizados os elementos que dizem de um final de análise e, conseqüentemente, da autorização do analista. Cabe, então, estabelecer algumas relações entre eles.

A primeira delas é que, como as mulheres, os analistas são contados um a um, não havendo um elemento de exceção que ordenaria um conjunto, como acontece do lado homem. Isto quer dizer que não há universalidade, ou seja, não é possível estabelecermos um conjunto dos psicanalistas. "O" psicanalista, assim como "A" mulher, não existe. No Seminário proferido

<sup>7</sup> LACAN, J. O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

<sup>8</sup> LACAN. Les non-dupes errent. (1973-1974) Inédito.

<sup>9</sup> LACAN, J. A lógica do fantasma. Recife: Centros de estudos freudianos do Recife, 2008

# Biblioteca Freudiana de Curitiba

## Centro de Trabalho em Psicanálise

sob o tema “Quem analisa hoje?”, Pura Cancina confirma essa assertiva dizendo que:

*(...) não há o psicanalista, está descartado o universal, o universal que universaliza a questão do analista - esse foi o problema da IPA, a classe dos psicanalistas - senão que há algo do psicanalista que faz com que haja um, outro, outro, outro...<sup>10</sup>*

Este algo do psicanalista que faz com que haja um é o desejo do analista e que Lacan nos diz, no Seminário XXI, que espera que venha a inscrever-se. Na medida em que se preenche a função desejo do analista, existe um psicanalista. Esta inscrição ocorre para cada um no percurso de uma análise pessoal de maneira absolutamente singular e, lembremos, sem garantias sejam elas antecipadas ou não. O conceito de singular, neste caso, nos é esclarecedor, porque o que é singular está fora do que é comum, é fechado sobre si mesmo e está longe de qualquer comunidade. Diferente do desejo que guia o ser sexuado, este desejo não está sustentado em posições fantasmáticas pelo fato de que estas mesmas posições são questionadas durante o processo analítico e, ao seu final, há o que Lacan definiu como atravessamento do fantasma. A partir disso, espera-se que as relações com o falo, com a castração e com o gozo sejam modificadas.

Neste caso, e este é o segundo ponto que eu gostaria de destacar, o Outro não aparece mais como passível de preenchimento, independente do objeto que lhe seja proposto. Sobre ele recai a barra que demarca a falta, a incompletude, a castração. Lembro que, justamente um dos endereçamentos do A/ nas fórmulas quânticas é o significante da falta no Outro.

Todo esse processo de autorização que podemos localizar nestas mesmas fórmulas, possibilitará ao analista ocupar o lugar de causa de desejo para outros enquanto agente do discurso do analista. Lacan desenvolve que este discurso é a modalidade de laço social que deve predominar não só num processo da cura, mas também na transmissão da psicanálise. Nisso será guiado por um estilo absolutamente singular com o qual poderá escrever-se<sup>11</sup> como analista e criar sua maneira de lidar com os desafios que a clínica lhe apresenta, seguindo a direção oposta das identificações. Sobre este aspecto, Antônio

Quinet acrescenta que: “O estilo é a marca que o analista faz incidir em seu ato e em sua interpretação; a maneira pela qual toma corpo o “x” do desejo do analista” (QUINET, 2009, p.181)<sup>12</sup>. Marcas que vão sendo talhadas ao longo de todo o processo de análise. Marcas que dão notícia da emergência do desejo do analista. Na “Nota Italiana”, texto de 1973, Lacan nos diz que só há analista se este desejo inédito lhe advier, e que, do percurso que realizou para possibilitar o surgimento dele, ficam marcas. E mais: “cabe a seus congêneres “saber” encontrá-las” (LACAN, 2003, p.313)<sup>13</sup>. Ao que tudo indica, a questão do “e por alguns outros” encontra aqui um ponto de desenvolvimento.

E de que maneira isso que ocorre no âmbito do privado, de uma análise pessoal, que se refere à autorização do analista e ao surgimento desse desejo inédito, pode vir a se tornar público? Um pouco mais tarde, no Seminário XXI, Lacan dedica boa parte da aula de 9 de abril a responder uma pergunta que lhe foi feita em Roma. A pergunta diz respeito a se haveria uma ligação entre as fórmulas quânticas da sexuação e o discurso do analista<sup>14</sup>. Ao final, sua resposta acaba sendo esta:

*Juntá-las seria dar-lhes um desenvolvimento que faria com que em uma escola, a minha por que não, com alguma sorte, que em uma (Escola) se articula essa função da qual a escolha do analista, a escolha de sê-lo não pode senão depender. Porque ao autorizar-se por si mesmo ele não pode com isso senão autorizar-se também por outros. (LACAN, 1973-74, inédito)<sup>15</sup>*

Trata-se de passar ao público pela via de um mecanismo diferente que fizesse predominar o discurso do analista, rompendo com os velhos hábitos estabelecidos pela IPA, pois ele é o único dentre os desenvolvidos por Lacan, em que o saber se encontra no lugar da verdade. Certamente não se trata de um saber totalizante, mas que está relacionado à verdade sobre a falta que habita o sujeito. Com relação a isso, um analista deve estar advertido. Suponho que isso permite que haja a construção de um saber próprio, singular, já não mais alienado ao Outro. Aqui o sujeito

<sup>12</sup>QUINET, A. A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

<sup>13</sup> LACAN, J. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

<sup>14</sup>  $\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\$}{S1}$

<sup>15</sup>LACAN. Les non-dupes errent.(1973-1974) Inédito.

<sup>10</sup> Seminário proferido na Biblioteca Freudiana Curitiba. Novembro/2014

<sup>11</sup> Vale lembrar que “stylo”, em francês, significa caneta.

# Biblioteca Freudiana de Curitiba

## Centro de Trabalho em Psicanálise

não pode ficar de fora, já que seu desejo tem lugar de destaque.

Tudo isso se daria através de um dispositivo destinado a escutar a passagem de psicanalisante a psicanalista, que Lacan já havia criado e formalizado na “Proposição de 9 de outubro de 1967”. Trata-se do passe. Quanto a isso ele vai esclarecer que: “É precisamente com a finalidade de isolar aquilo que é do discurso analítico que eu fiz esta proposição”. E ainda:

*(...) O passe, de fato, permite a alguém que pensa que pode ser analista, alguém que está perto de se autorizar, se é que ele já não se autorizou, ele mesmo, de comunicar o que o fez decidir, o que o fez se autorizar assim, e se engajar num discurso do qual não é certamente fácil ser o suporte, me parece” (LACAN, 1975)<sup>16</sup>*

Nesse dispositivo, o candidato ao passe deveria fazer um relato aos passadores sobre sua experiência de análise e o que fez com que escolhesse ocupar o lugar de analista. Os passadores, por sua vez, são responsáveis por colher este testemunho e transmiti-lo ao júri de aprovação para que tomem sua decisão de se neste caso houve passe. A questão que norteia é a de constatar se essa análise resultou em um analista. Os outros que compõem o passe são os que Lacan se refere ao fazer o complemento a esse aforismo.

Então, como se verifica o surgimento do analista no dispositivo do passe? A resposta, me parece, gira em torno da escuta das marcas que a análise pode trazer e que dizem da possibilidade de exercer a função psicanalista assim como do surgimento do desejo do analista. Eles são os congêneres a quem cabe identificá-las. Melman nos adverte de que: “A grande dificuldade para reconhecer ou diplomar um analista é, seguramente que ele não se distingue por um traço evidente”. E continua:

*E -observem a sutileza de Lacan- a marca da relação do objeto a não é o traço um (esse traço fálico cobiçado pelo candidato), mas a falha, a barra que divide o sujeito, justamente quando ele esperava uma unidade de concreto armado. Lacan tinha esta fórmula curiosa: Não há analistas, ele dizia, mas analista. Em outras palavras, os analistas não formam uma união de indivíduos, mas de objetos não especularizáveis e não quantificáveis, com essa particularidade de se repelirem mutuamente, como ouriços. Estranha*

*estrutura que, no entanto, é a nossa casa (MELMAN, 2008, p. 12)<sup>17</sup>.*

A Lacan interessava descobrir o porquê alguém que passou por uma análise ainda escolheria ocupar o lugar de analista para outros. Sua pergunta era com relação ao surgimento deste desejo tão peculiar. Como dissemos, desde 67 ele já podia contar com este mecanismo. E em alguns momentos de sua fala, pode-se pensar que o passe era somente uma forma de coletar respostas que auxiliava a Escola com respeito às nomeações dos analistas. De certa forma uma maneira de corrigir as interpretações errôneas de que autorizar-se de si mesmo seria uma auto- autorização.

Mas em 74, quando já havia desenvolvido as fórmulas da sexuação, “os alguns outros” do passe passam a ser um complemento na máxima referente à autorização do analista. O que pretendo afirmar com isso é que, ao colocar o “... e por alguns outros” como complemento do aforismo “o analista não se autoriza senão de si mesmo”, faz com que os integrantes do passe tenham um papel fundamental no que diz respeito à autorização do analista. Eles cumprem a função de escutar a escolha de um sujeito que se posiciona frente a um desejo, no caso o do analista, e a partir daí realizar uma nomeação.

Como todos sabem, o tema do passe foi, e ainda é, amplamente discutido. Para finalizar, lanço a seguinte pergunta: o mecanismo do passe seria a única maneira de escuta do desejo do analista e da passagem de psicanalisante a psicanalista? Para ela não tenho resposta, mas não deixarei de cair na tentação de colocar algumas ideias de dois dos poucos autores consultados a esse respeito. Jean Clavreul, por exemplo, no livro intitulado “Quartier Lacan”<sup>18</sup>, nos diz que

*(...) se interrogarmos essa organização tão particular do desejo do analista, somos levados a ampliar a noção do passe. Em suma, Lacan queria, e admitia, que a palavra “passe” se tornasse um significante que só poderia ficar mais rico com um uso ampliado (2007, p. 27).*

Robert Levy, em “O desejo contrariado”, conclui que:

<sup>17</sup> MELMAN, C. A clínica psicanalítica hoje – Conferências. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2008.

<sup>18</sup> CLAVREUL, J., in DIDIER- WEILL, A., WEISS, E., GRAVAS, F., Quartier Lacan. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2007.

<sup>16</sup> Sobre o passe (1975). Lettres de L'École Freudienne, número 15.

# Biblioteca Freudiana de Curitiba

## Centro de Trabalho em Psicanálise

*A análise, o passe, os dispositivos clínicos da prática constituem operadores em que algo da Função-analista pode ser dita, ouvida. Sem com isso esquecer que o desejo do analista também está em jogo a cada vez que “o opera”, que ele ensina, trabalha a teoria, ou se liga a toda comunicação referente à psicanálise (LEVY, 2004, p.121)<sup>19</sup>.*

Dessas afirmações, pelo menos um ponto considero importante destacar: os lugares privilegiados para tal escuta, a do desejo do analista, são as instituições de psicanálise. E é da responsabilidade delas arriscar-se a levantar essas questões tão importantes que concernem à formação dos analistas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, E. Jacques Lacan e a questão da autorização dos psicanalistas. Curitiba, PR: CRV, 2014.

ANDRÉ, S. O que quer uma mulher? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CANCINA, P. Quem analisa hoje? Seminário proferido na Biblioteca Freudiana de Curitiba em novembro/2014. Circulação interna.

CANCINA, P. Sexualidades. Seminário proferido na Biblioteca Freudiana de Curitiba em março/2015. Circulação interna.

CLAVREAU, J. in DIDIER-WEILL, A., WEISS, E., GRAVAS, F., Quartier Lacan. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2007.

LACAN, J. O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, J. Les non-dupes errent. (1973-1974) Inédito.

LACAN, J. A lógica do fantasma. Recife: Centros de estudos freudianos do Recife, 2008

LÉVY, R. O desejo contrariado: ensaio sobre a impossível transmissão em psicanálise. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2004.

QUINET, A. A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

LACAN, J. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

LACAN, J. Sobre o passe (1975). Lettres de L'ÉcoleFreudienne, número 15.

MELMAN, C. A clínica psicanalítica hoje – Conferências. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2008.

---

<sup>19</sup>LÉVY, R. O desejo contrariado: ensaio sobre a impossível transmissão em psicanálise. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2004.